

milanesi, si ripete nel volume: la lettura-presentazione seguita dalla lettura integrale dei canti, già riavvicinati nel tempo e nello spazio.

Ma si sbaglia chi vuol suggerire che la lettura di Sermonti, essendo accessibile, diventi banale. La sensibilità del lettore e il piacere manifesto del testo non si presentano sprovviste di una profonda conoscenza dell'opera di Dante, delle diverse interpretazioni e delle possibili intertestualità. Trattando gli ignavi del canto III, "di questa storia degli angeli neutrali non è cenno nelle Scritture e nemmeno nella letteratura edificante" (p. 61); il fiume del canto VIII, "lo Stige degli antichi" (p. 152); la pausa del canto XI, "nello schema dottrinale di Aristotele la matta bestialità sembrerebbe aggravare l'intenzione del male..." (p. 211), oppure i barattieri del canto XXI, "nel lessico giudiziario, viceversa, 'baracteria' era il termine tecnico che indicava i reati di peculato per distrazione, concussione, malversazione..." (p. 384), e ancora i consiglieri di frode del canto XXVII, "Dante percepisce l'emblema, la mappa, lo stemma, non come astrazioni simboliche, ma come segno di un linguaggio primario del mondo..." (p. 498), a guisa di semplici esempi, Sermonti apporta al pubblico una pioggia fertile di erudizione. A momenti come questi, seguono quei ritorni al testo, che si manifestano tramite un "Veniamo alla favola" (p. 17), oppure un "Basta così" (p. 66) e un "Basta" (p. 330), o un "Procediamo" (p. 311) a conferma delle dosi spesso omeopatiche con cui si chiude l'intervento del commento più specialistico.

E perché si consiglia in questa sede di leggere oggi Sermonti che legge

Dante? Perché dal primo al trentaquattresimo canto, il lettore si ritrova soggetto e non oggetto del percorso dantesco, perché può anche riscoprire un volume letto per obbligo di scuola tanti anni fa, perché può anche scoprire tante cose nuove, perché può imparare e imparare è anche vivere, perché può godersi la lettura di un testo che, in quanto classico, risponde a una di quelle prerogative, già suggerite da Calvino, ossia "non ha mai finito di dire ciò che ha da dire" (1991, p. 11).

Maria Teresa Arrigoni
UFSC

Ricciardi, Giovanni (Org.).
Scrittori brasiliani: testi e traduzioni. Napoli: Tullio Pironti Editore, 2003, p. 685.

A literatura brasileira vem ganhando, nos últimos anos, maior espaço no sistema literário italiano e a antologia *Scrittori brasiliani – testi e traduzioni*, organizada por Giovanni Ricciardi, é prova disso. Pela primeira vez no mercado editorial italiano pode-se encontrar uma obra que abrange textos que vão desde as origens da literatura brasileira até os dias de hoje, e todos com traduções para o italiano.

Embora Ricciardi tenha sido definido como o organizador do volume, no total são vinte "organizadores e colaboradores" – todos professores universitários (doze em instituições brasileiras, seis na Itália

e um em Portugal), com excessão da italiana Adelina Aletti, a única a exercer exclusivamente o ofício da tradução. Todos os colaboradores cumpriram tarefas versáteis: alguns deles organizaram um capítulo em particular (o que incluía a seleção dos autores e dos textos), enquanto outros se ocuparam das versões desses mesmos capítulos para a língua italiana.

Organizada cronologicamente e dividida em cinco partes que identificam os grandes movimentos estéticos (1. *Dalle origini alla nascita del sentimento nativista*; 2. *Romantismo e Realismo*; 3. *Dal Naturalismo al Simbolismo*; 4. *Modernismo*; 5. *La letteratura intorno a noi*) – cada uma das quais subdividida em capítulos –, a antologia lembra, à primeira vista, os nossos livros didáticos de literatura brasileira do Ensino Médio. De fato, os autores (canonizados) são os mesmos, e os textos (os mais consagrados e representativos de cada um deles), idem; o diferencial fica por conta da literatura contemporânea, em geral deixada de lado pelos livros didáticos e, ao contrário, bastante explorada pela antologia. Ainda assim, a primeira impressão se confirma e permanece: os textos que apresentam cada um dos autores são relativamente breves e elementares, nenhum aspecto característico ou particular dos textos é analisado com maior exaustão e, nesse sentido, o volume se revela um pouco superficial.

Contudo, uma nota de Ricciardi no início da antologia justifica, de certo modo, a criação da obra e a forma

como esta foi organizada. O autor afirma que “in Italia, l’insegnamento della letteratura brasiliana è presente in molte Università e molti sono i manuali di storia della letteratura che abbiamo a disposizione [...]. Mancava una antologia di testi che soddisfacesse le esigenze didattiche e conoscitive dei nostri studenti e che accompagnasse lo svolgersi della storia della letteratura, dandole corpo e sostanza” (p. i).

A obra, portanto, foi criada para o uso acadêmico, já que os estudantes italianos têm acesso aos manuais de história da literatura brasileira, mas não a um volume, em língua italiana, que pudesse conter grande parte da produção literária do nosso país. Naturalmente, na tentativa de criar uma obra o mais completa possível, abrangendo o que há de mais representativo na literatura brasileira, a antologia acaba refletindo o cânone existente no nosso sistema literário, privilegiando autores consagrados pela crítica e pela tradição. Mas, visto que grande parte deles ainda não foram traduzidos para o italiano, a antologia preenche uma lacuna que existia até então no cenário cultural da península.

Uma leitura atenta de *Scrittori brasiliani* revela uma preocupação dos organizadores em contextualizar, ao menos em linhas gerais, os diferentes períodos atravessados pela nossa literatura. No início de cada uma das cinco partes da antologia, por exemplo, há um breve ensaio através do qual o leitor italiano pode situar o panorama

ma histórico no qual se inserem os autores e as obras apresentadas; além disso, os textos literários são apresentados em português com uma tradução (em corpo menor) no fim de cada capítulo. No caso de obras já publicadas na Itália, foram utilizadas as traduções disponíveis, enquanto que os textos ainda inéditos em italiano foram traduzidos especialmente para a antologia. Seria muito difícil, no entanto, que uma obra tão vasta cuidasse de aspectos mais particulares (embora não menos importantes), como uma análise crítica dos autores e seus respectivos textos.

A antologia privilegia autores consagrados pela tradição, mas dedica espaço à literatura contemporânea, incluindo novos autores cujas obras ainda não podem ser consideradas definitivas. Dessa forma, certos autores de renome e prestígio, tais como Antonio Callado, Orígenes Lessa, Osman Lins, Pedro Nava, Nélida Piñon e Zélia Gattai – apenas para citar alguns –, não foram incluídos no volume.

O subcapítulo “La prosa” (que integra a quinta parte do volume), organizado pelo professor Antônio Hohlfeldt, sofreu algumas alterações por parte do organizador. Dividido nos anos Cinquenta/Sessenta, Setenta, Oitenta e Noventa, o capítulo incluía originalmente apenas dez autores selecionados por Hohlfeldt, mas Ricciardi preferiu ampliar esse panorama em benefício sobretudo da literatura contemporânea: “Come curatore di questa antologia, pur rispettando la

selezione del critico, ho ritenuto opportuno [...] allargare il ventaglio in modo da meglio riflettere la grande ricchezza di autori e di opere del Brasile contemporaneo” (p. 553). A organização da antologia, portanto, visou a divulgação de escritores que ainda não têm nenhuma obra publicada na Itália. O aspecto mais interessante de *Scrittori brasiliani* fica mesmo por conta da tradução: dos quase duzentos autores presentes na antologia, apenas cerca de trinta deles possuem pelo menos uma obra traduzida para o italiano; em outras palavras, a grande maioria dos textos e dos autores apresentados no volume ainda são inéditos na Itália.

A utilidade de uma antologia é inegável, visto que a impossibilidade material de ler tudo nos obriga a escolher, a selecionar e, selecionando, a excluir. *Scrittori brasiliani* cumpre com o seu objetivo enquanto antologia, visto que inclui um grande número de textos diferentes entre si e produzidos em períodos muito distintos. Para o público italiano (acadêmico ou não), que até pouco não podia ler em sua própria língua grande parte desses textos, a possibilidade de encontrá-los em um só volume é de grande valia. Desse modo, pode-se afirmar que a antologia preenche um lugar que até então se apresentava como uma lacuna, pois se trata da primeira obra do gênero, dessa dimensão e desse porte, sobre a literatura brasileira na Itália.

Carolina Pizzolo Torquato
UFSC